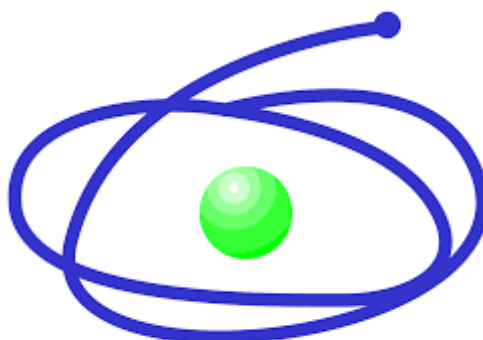


# FILOSOFANDO NO PIBID

VOLUME 1 – ANO 01- REALIZAÇÃO: PIBID FILOSOFIA – UENP- COLÉGIO RIO BRANCO



**UENPIBID**  
Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência



C A P E S

# FILOSOFANDO NO PIBID

VOLUME 1 – ANO 01- REALIZAÇÃO: PIBID FILOSOFIA – UENP- COLÉGIO RIO BRANCO

## *As implicações do uso da crença comum (doxa) em Descartes*

Acadêmico: Altevir de Sousa Nascimento – PIBID/ Filosofia-UENP-Jacarezinho/PR

O *Cogito ergo sum* lembra Descartes e destaca o filósofo em referência como um dos mais influentes estudiosos do pensamento ocidental. Para Descartes, tudo é duvidoso, e as coisas que nos advêm nas primeiras impressões, com certeza nos afetam primeiramente os sentidos (desde Aristóteles, culturalmente se reconhecem cinco sentidos: visão, audição, paladar, olfato e tato); porém, como esses mesmos sentidos dos quais todos os indivíduos são dotados podem induzir ao engano, devemos nos empenhar na busca pelo conhecimento apoiando-nos sempre no benefício racional da dúvida para chegarmos a um melhor resultado sobre tudo aquilo que, no decorrer de nossas vidas, aprendemos como princípio das coisas.

Quando algo nos chega pelos sentidos, devemos usar da prudência, já que tudo que nos atinge por esse caminho está sujeito à dúvida. Mesmo reconhecendo que, como seres humanos, necessitamos das sensações para a vida cotidiana, a única certeza que podemos ter é que, de fato, eu existo, pois os corpos —sejam quais forem— podem transformar-se, corromperem-se e, até mesmo, modificarem-se, porém, da minha existência eu não devo e nem preciso duvidar, pois é/ou são os meus pensamentos que me dão a certeza de minha existência.

A alma não precisa do corpo para existir, pois ela existe em si mesma, ela independe das sensações para provar a sua existência; já o corpo, este necessita das sensações para provar a sua existência e isso nos é confortável. A alma (essa alma que nos remete à episteme: na filosofia grega, esp. no *platonismo*, o conhecimento verdadeiro, de natureza científica, em oposição à opinião infundada ou irrefletida), é muito mais íntima que meu corpo, ela é o lugar da certeza. Se eu deixar de pensar, vou concordar que eu sequer existo e, conseqüentemente, deixarei de viver. Essa atividade do pensamento é indubitável (que não pode ser objeto de dúvida; certo, incontestável, indiscutível), pois não precisa de mediações para a comprovação de sua existência; além do mais, todas as coisas corpóreas precisam primeiramente se formar no pensamento e depois, sim, apresentarem-se aos sentidos.

Então, podemos pensar que, se levarmos em consideração mais a crença comum que a episteme, estaremos sujeitos a cair no mundo do engano, da transitoriedade, da mutação, da modificação das qualidades sensíveis, pois um corpo, qualquer que seja, só existe primeiro por causa da alma (episteme), objetivando principalmente viver não mais na contemplação, mas vencer esse método, que pode levar o homem ao erro e que também ao desprezo da razão. Enfim, a única verdade que se têm é a da existência do meu espírito, e que os corpos podem ser conhecidos pela faculdade de meu entendimento, do ser existente que há em mim.

# FILOSOFANDO NO PIBID

VOLUME 1 – ANO 01- REALIZAÇÃO: PIBID FILOSOFIA – UENP- COLÉGIO RIO BRANCO

## *Justiça e injustiça no Livro II de Platão*

Acadêmica Rose Faria

Este texto tem como objetivo tentar explicar os conceitos de injusto e de justo no livro II da República, de Platão, que registra o pensamento de Sócrates.

A República mostra que, quando a injustiça age pautada pela ignorância, descamba para o mal; mas quando a justiça age com sabedoria, instala o bem; sendo assim, segundo Sócrates, se criarmos uma cidade ou uma sociedade de pessoas injustas, haverá apenas o caos, uma vez que, se cada um fizer unicamente o que pensa, teremos sociedades desorganizadas; mas se fundarmos uma sociedade fundamentada no bem, por mais que tivermos pessoas injustas, a cidade manterá seu equilíbrio harmonioso. Por essa razão, impõe-se uma medida para o indivíduo, utilizando, como um dos recursos, a lei, mesmo que ela esteja sujeita a mudanças; exemplo: a lei da música era lei estatal, evidenciando que a música tem sua harmonia e que contribui para o bem-estar dos seres humanos. Sócrates afirma que o bem é um bem em si e que é vantajoso ser justo.

O livro II, da República, Platão transmite o pensamento de Sócrates, afirmando que existem três espécies de manifestação do bem. A primeira é o bem, *“não por desejarmos as suas consequências, mas por estimarmos por si mesmo esse bem, com a alegria e os prazeres que forem inofensivos e dos quais nada resulta de futuro senão o prazer de os possuírmos?”* Esse bem é o bem próprio, ou seja, é o bem em si mesmo.

O segundo *“é aquele bem que apreciamos por nós mesmos e pelas consequências desse bem.”* Quando desejamos por nós mesmos um princípio objetivo do bem.

O terceiro é o bem *“no qual se compreende a ginástica e o tratamento das doenças e a prática clínica e as outras maneiras de obter dinheiro?”* Este, por fim, é o bem útil que favorece os indivíduos.

Sócrates afirma que: *“Acho que na mais bela, a que deve estimar por si mesmo e pelas suas consequências quem quiser ser feliz.”* Com base nesta citação, o filósofo diz que ética é necessariamente uma boa prática e que a justiça é estimada em si mesma. Sendo que a opinião pública e a dos sofistas são apenas conceitos enganosos que buscam, pela aparência, o lucro e a reputação.

# FILOSOFANDO NO PIBID

VOLUME 1 – ANO 01- REALIZAÇÃO: PIBID FILOSOFIA – UENP- COLÉGIO RIO BRANCO

## *Cogito ergo sum de Descartes*

Acadêmico Bruno Dias Moreira

Descartes, pensador que inaugurou a filosofia moderna, viveu em uma época em que, graças às ideias que construiu, a ciência registrou um grande avanço, colocando “verdades” da religião em questionamento. Descartes apresenta dois caminhos: o da ciência e o da religião. Em cada caminho oferece discussões diferentes, em que se apoia no benefício da dúvida; passa a **duvidar** de tudo, pois, com essa dúvida, busca apagar da mente tudo o que já aprendeu e só tomaria como verdadeiro aquilo que não lhe deixasse nenhuma dúvida. Ele duvidou de tudo, **duvidou até mesmo de que ele próprio existia**, deixou sua mente vazia, como um papel em branco, a tabula rasa. Porém, precisava reconstruir de algum lugar, mas de onde?

O filósofo defendeu o racionalismo e o: “Penso, logo existo”. Descartes defendeu a teoria da dúvida, o duvidar de tudo menos do fato de que o homem pensa. Encontrou nesse ponto fixo e verdadeiro o indispensável apoio, a alavanca que lhe permitiu reconstruir toda sua noção de verdade, a de que ele existia, valendo-se párea isso da alavanca do pensar.

Nosso pensamento (nossa alma) é uma substância, uma substância que Descartes chamou de *res cogitans* (coisa pensante). A filosofia de Descartes também defende a substância, a *res extensa* (coisa extensa: nossos corpos), uma vez que, pelas sensações dos nossos corpos podemos afirmar a existência do mundo a nossa volta. Da dualidade, alma e corpo, surge a indagação: como se conectam tais esferas? Aqui é o ponto em que Descartes apresenta uma terceira substância, a substância infinita, que seria, no caso, Deus. Deus é essa substância infinita que deu origem a tudo, até mesmo às substâncias que nos constituem, mente e corpo, e é pela interferência divina que o elo se produz.

Passemos para outro filósofo, Baruch Espinosa. A substância que existe, segundo Espinosa, é Deus (mas o Deus de Espinosa pode ser chamado também de natureza), Deus é a natureza, pois é na terra, nessa única substância que tudo se criou. Mas como explicar a diferença das coisas? A unicidade de cada pessoa?

Dentro dessa única substância, existe o que Espinosa chama de **atributos** e de **modos**. Os **atributos** são o que podemos entender como mente e corpo (para Espinosa, mente e corpo formam o ser); os **modos** evidenciam a individualidade de cada ser. Para melhor esclarecer: somos formados de uma **única substância**: a natureza (Deus). Dentro dessa substância, ela adquire várias formas que recebem o nome de **atributos** (ex: homens, mulheres, plantas, insetos), e o que nos diferencia, como, por exemplo: ter cabelo loiro, ser alto, ter olho escuro, é o que Espinosa chama de **modos**.

# FILOSOFANDO NO PIBID

VOLUME 1 – ANO 01- REALIZAÇÃO: PIBID FILOSOFIA – UENP- COLÉGIO RIO BRANCO

## *Inatismo em John Locke*

Acadêmica Thaysa Theodoro de Souza

Por ser um filósofo empirista, John Locke admite os conhecimentos como fruto da experiência, e, nessa linha, tece uma crítica às ideias inatas (ideias inatas seriam ideias que não necessitam de aprendizado porque a pessoa já as traz com o seu nascimento). Segundo Locke, a mente é uma tabula rasa, preenchida de acordo com as experiências, em que os sentidos se destacam como ponto primordial na "construção" dos saberes da mente.

Locke afirma que a capacidade é inata, mas o conhecimento é adquirido, pois a capacidade de aprender e de se desenvolver já nasce com a pessoa; todas as pessoas saudáveis são capazes de aprender, mas o conhecimento, este é adquirido ao longo da vida mediante experiências.

O autor também faz críticas à concepção de ideias inatas, visto que as pessoas concebem ideias com base nas experiências de vida; as pessoas não nascem com princípios inatos. No entendimento do filósofo, o intelecto do ser humano, após absorver as ideias simples, desenvolvidas pela experiência, transforma-as em ideias complexas. Locke cita as crianças e os idiotas, como uma forma de argumentar em defesa de sua crítica, visto que as crianças necessitam de um período, uma fase de transição por uma série de atividades que lhe permitam o desenvolvimento, antes de atingir as ideias complexas e a razão; com isso, pode-se perceber que as crianças não são portadoras de ideias inatas, mas vão desenvolvendo os conhecimentos de acordo com a bagagem que adquirem nessa travessia.

# FILOSOFANDO NO PIBID

VOLUME 1 – ANO 01- REALIZAÇÃO: PIBID FILOSOFIA – UENP- COLÉGIO RIO BRANCO

## *Racionalismo, empirismo e criticismo*

Acadêmica: Juliana Valle

O Racionalismo, corrente filosófica que se destaca com o filósofo René Descartes, caracteriza-se por atribuir à razão, à operação mental, discursiva e lógica, a capacidade exclusiva de conhecer e de estabelecer a verdade. O racionalismo é baseado na busca pela certeza das coisas e pela demonstração, sustentada por um conhecimento que não coloca em primeiro plano a experiência, lugar ocupado pela razão. Para o racionalismo, a razão é a fonte principal do conhecimento. Diferente do racionalismo, muitos filósofos defendem que o conhecimento se processa por meio da experiência, que se denomina empirismo. Para o empirismo, a experiência é a fonte e o limite do conhecimento. Os empiristas negam a primazia da razão para o conhecimento da verdade, como defendia Descartes. Para os empiristas, a razão só tem a função de organizar dados da experiência sensível, sendo as ideias da razão simples cópias de dados provenientes da experiência. Dentre os filósofos que defendem a doutrina do empirismo, destacam-se John Locke e David Hume. Locke afirma que o conhecimento começa do particular para o geral, das impressões sensoriais para a razão. A mente humana é como uma “tábua rasa” que, mediante experiências pelos sentidos, constrói as ideias; o filósofo em referência acredita que nenhum ser humano seja capaz de construir ou inventar ideias. Para Hume, as ideias resultam da reflexão acerca das impressões (sensações) que as experiências sensíveis oferecem. A imaginação associa as ideias simples entre si para formar ideias complexas. As impressões constroem a própria realidade. As ideias originam-se das impressões. Neste sentido, todas aquelas experiências que não correspondam a impressões sensíveis são falsas ou meras ficções.

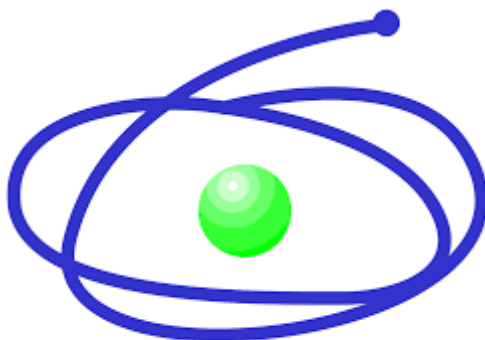
Assim, com fundamento nessas duas doutrinas, surge uma terceira que tenta unir a razão à experiência. Chama-se criticismo, teoria apresentada pelo filósofo Kant. Para Kant, todo conhecimento começa com a experiência, organizado pelas estruturas *a priori* (antes da experiência) do sujeito. O conhecimento nada mais representa que uma síntese do dado na nossa sensibilidade (fenômeno) e daquilo que o nosso entendimento produz por si (conceitos). O conhecimento nunca é o conhecimento das coisas "em si", mas das coisas "em nós". A dualidade racionalismo – empirismo cedeu espaço à harmonia entre os sentidos e a razão. Assim, é necessário que a razão e a experiência se harmonizem para que um dado conhecimento se instale.

# FILOSOFANDO NO PIBID

VOLUME 1 – ANO 01- REALIZAÇÃO: PIBID FILOSOFIA – UENP- COLÉGIO RIO BRANCO



**UENPIBID**  
Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência



C A P E S